ultimamente consistam em peso cada vez maior de grandes fundos de investimento dos dois lados do Atlântico Norte), as transações nas bolsas de cacau ficam quase exclusivamente a cargo de comerciantes internacionais (*dealers*), processadores de cacau e fábricas de chocolate, todos em países consumidores.

Com exceção de um breve interlúdio entre as décadas de 70 e 80, quando empresas privadas e estatais brasileiras (Interbrás) desenvolveram atividade intensa tanto em Londres quanto em Nova York, os agentes econômicos oriundos de países produtores de cacau permaneceram virtualmente ausentes das bolsas. Por conseqüência, as oscilações dos preços mundiais ficaram inteiramente à mercê das iniciativas do lado comprador do mercado internacional, enquanto o lado vendedor — os países produtores — foi relegado a um papel passivo. Embora isso prive os produtores de cacau de qualquer influência direta sobre o preço de venda do seu produto, a reação inevitável do mercado a fatos ocorrentes em seus países não deixa de atribuir-lhes uma forte influência (mesmo que involuntária) sobre os destinos de seu mercado.

Para tentar desenhar os caminhos que o mercado mundial poderá percorrer nos próximos anos, é preciso avaliar as interações complexas entre preços, produção e consumo mundiais, ou seja, a influência das cotações do cacau sobre a evolução da produção e do consumo, bem como o efeito recíproco do binômio oferta/demanda sobre as cotações.

Este será o objeto dos próximos artigos.

THOMAS HARTMANN

THOMAS HARTMANN é cacauicultor e consultor de empresas, com experiência de mais de 30 anos na lavoura, indústria e comércio internacional de cacau, tendo dirigido, durante mais de duas décadas, indústrias processadoras do ramo. Titular da "Coluna de Cacau", uma publicação semanal no suplemento agrícola do jornal *A Tarde*, de Salvador, o diário de maior circulação no Norte/Nordeste brasileiro.
E-mail: cacauth@svn.com.br
© Thomas Hartmann 1997 — Reprodução total ou parcial somente mediante autorização prévia escrita do autor.

FATOR CLIMÁTICO

A volta de El Niño

Em todo o mundo, repercutem as notícias sobre o retorno de El Niño e espera-se que o deste ano seja "o pior do século". No entanto, não há bases para tal afirmação.

O intenso noticiário sobre El Niño tem colocado o fenômeno climático como um dos assuntos do momento. Por que ocupa tanto espaço nos meios de comunicação? Simplesmente porque, além da lembrança dos estragos que ele já provocou, há indícios de que, desta vez, virá com grande força.

El Niño já é conhecido há séculos, mas suas causas permanecem obscuras. Sabe-se de certa relação entre o recrudescimento de atividades vulcânicas e o início de perturbações nas águas do Pacífico, numa faixa de cerca de 9.700km, quase 25% da circunferência do planeta e do tamanho aproximado do território brasileiro.

De 1985 a 1995, um programa científico internacional de nome Toga (Tropical Ocean and Global Atmosphere), composto por mais de 2 mil cientistas de 20 países, analisou o fenômeno, a que chamou Enso (El Niño Southern Oscillation). O programa aparelhou o oceano com sondas e bóias submersas e flutuantes, que transmitem dados permanentemente ao sistema Argos de satélites, além de usar o satélite altimétrico franco-americano Topex-Poseidon. Este é capaz de detectar o desnivelamento das águas oceânicas, fundamental para o entendimento do processo.

Não se determinou, ainda, como acontece a vinculação com o vulcanismo. Contudo os 28 El Niños ocorridos neste século foram precedidos, em 15 ocasiões, por erupções vulcânicas capazes de prejudicar a incidência de luz solar, afetando a temperatura da água. Outra associação, também não

determinada claramente, pode existir com as centenas de vulcões submarinos descobertos no ano passado no Pacífico, cuja agitação orquestrada poderia provocar alterações nas correntes.

A atual manifestação do El Niño é anômala. Começou bem mais cedo do que o normal, que seria o fim do ano. Em 1997, o aquecimento do oceano iniciou-se em maio e foi muito rápido.

Normalmente, ele está relacionado a secas no verão australiano, no Sudeste africano, na região Nordeste do Brasil e em partes da Ásia e da América Central. Também aumenta as precipitações pluviométricas no Hemisfério Norte, no Sul brasileiro, na África do Sul e altera o regime das monções indianas.

Considera-se que seus piores efeitos passarão a ser sentidos a partir de outubro, mas o Noroeste dos EUA, a Tailândia e o Norte da Índia e da China, além da Austrália, já experimentam forte seca há semanas. O governo australiano prepara-se para o pior, tendo calculado que sua produção de cereais poderá recuar mais de 40% na safra 1997/98, o que afetaria seriamente o desempenho da economia de seu país. Os peruanos, por enquanto, limitaram-se a suspender a pesca de anchovas, mas todos os relatórios internacionais sobre o assunto referem-se à preocupação governamental com o desfalque na indústria pesqueira. Foi criada uma comissão de emergência para medidas preventivas, como dragagem, deslocamento de lavouras algodoeiras e arrozeiras, no Norte, e apoio à pesca artesanal (reduzida em mais de 50% este ano). Como acontece no Sul do Brasil, o Norte do Peru é afetado por chuvas e inundações.

Na Argentina, paradoxalmente, o clima seco foi benéfico, pois ajudou os triticultores do país a encerrarem bem o plantio. Contudo, em razão de problemas climáticos anteriores e da previsão de preços mais baixos para o trigo, sua nova safra está sendo prevista em apenas 12,5 milhões de toneladas, bem abaixo do recorde do ano passado, de 15,9 milhões. Para compensar as perturbações no calendário agrícola, os agricultores usaram variedades precoces, que têm menor rendimento no campo.

Tudo isso tem provocado, num primeiro momento, grande ansiedade nos mercados agrícolas e, posteriormente, poderá acarretar séria instabilidade. Aliás, até mesmo instabilidade política poderá ocorrer em alguns países cuja agricultura sofra muitos danos, tendo ainda que arcar com efeitos nocivos de inundações ou canículas sobre as cidades.

No momento, além da imediata repercussão dos relatórios feitos pelo Departamento de Agricultura dos EUA, referentes a estiagem ou chuvas esparsas nas regiões produtoras de milho, trigo e soja, outras notícias inquietantes se amiúdam. Por exemplo, a seca na Indonésia reduziu sua safra de café em pelo menos 25% e o cacau pode ter perdido 10% de sua produção; a Costa do Marfim precisa urgentemente de chuvas para salvar seus cacauais; na Tailândia, perderam-se 15% da cana-de-açúcar e, na Austrália, teme-se pelos prejuízos provocados ao trigo.

Não se determinou ainda como vincular o fenômeno ao vulcanismo. Contudo os 28 El Niños ocorridos neste século foram precedidos, em 15 ocasiões, por erupções vulcânicas.

Na costa pacífica da América do Sul, além das perdas na agricultura, a própria atividade pesqueira, importante para o Peru, Chile, Equador e Colômbia, está sendo muito prejudicada, como nas outras vezes em que as correntes foram alteradas. Esses países formaram o Conselho do Pacífico Sul, órgão coordenador de suas políticas para o mar, que se reuniu em agosto para discutir o problema.

Em suas principais aparições recentes, El Niño afetou, marcadamente, em 1976/77, os mercados do cacau, café e soja. Nos anos seguintes (1977/78, com efeitos reduzidos; em 1982/83, o mais forte do século; em 1986/87, 1991/92, 1993/94 e 1995, novamente fraco), todos os mercados de commodities alimentícias estiveram sob sua influência.

Agora, esperam-se chuvas escassas na China, Filipinas, Índia, Vietnã, Indonésia e ilhas da Oceania. O inverno quente e seco que estamos vivendo no Brasil também está associado ao fenômeno.

Todas as principais publicações internacionais, de negócios ou amenidades, têm dedicado espaço a previsões de que este poderá ser o novo "El Niño do século", lembrando que o anterior, mais forte, de 1982/83, matou milhares de pessoas e provocou perdas estimadas em mais de US$13 bilhões em vários países.

No Brasil, anunciou-se, com atraso, que os ministérios da Ciência e Tecnologia, do Planejamento, do Meio Ambiente e da Agricultura irão atuar através de projetos específicos. A própria reformulação do zoneamento agrícola foi sugerida. De concreto, porém, pouco tem sido feito. Na área do meio ambiente, o ministério específico preocupou-se com os sucessivos focos de incêndio nos parques e reservas florestais.

Embora se possa detectar o início de El Niño com até seis meses de antecedência (em 1987/88, primeira previsão correta, ele foi previsto com um ano de antecipação), infelizmente ainda não se pode estimar sua abrangência, virulência e duração. Resta esperar que desta vez o deus Netuno poupe os mortais, cuja culpa nas alterações climáticas existe mas também ainda não foi suficientemente dimensionada.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA
E-mail: ferfal@fgv.br